

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Director: ANTONIO COBEIRA — Editor e Proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Administrador: RODRIGO A. DA SILVA

Preços de assignatura	Anno	Semest	Trim.	N.º	
	80 000	40 000	13 333	entre	38.º Anno — XXXVIII Volume — N.º 1303
Portugal franco de portos m. forte	5\$000	2\$500	8\$50	5\$120	
Portugalia ultramarinas idem	5\$000	2\$500	8\$50	5\$120	
Estrangeiro e Italia	5\$000	2\$500	8\$50	5\$120	

10 de Março de 1915

Redacção — Administração — Atelier de gravura
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. Cesar Piloto
Largo de S. Roque, 11 e 12
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos a administração da Imprensa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Arte-Decorativa



«PANNEAU» DECORATIVO — OBRA DO PINTOR BEMVINDO CEIA

Vai inaugurar-se, em breve, uma nova casa de espectaculos, que será o *Theatro Circo de Braga*, delineada segundo o projecto do architecto sr. Moura Coutinho. O pano-de-bôca é devido ao pintôr decoratôr, sr. Domingos Costa e o lindo «panneau» que damos á estampa, obra notavel, realisada carinhosamente pelo pintôr, sr. Bemvindo Ceia, é destinado ao tecto do novo Theatro.

CRONICA OCCIDENTAL

Isto vae mal! Isto vae mal! — eis uma frase velha, gasta de sentido, tantas vezes repetida, que nos acostumaram a ouvir, sem alarmes nem preocupações, desde os nossos bons tempos de menino e moço do liceu. E o que é certo, por infelicidade, bem certo, é que isto temido sempre, dia a dia, de mal a peor, quase irremediavelmente. A tal ponto, que chegou, que chegamos por vezes a ter saudades dos tempos de outr'ora em que a velha frase parecia justificar-se e

corresponder mais precisamente á realidade mera dos factos.

Ha muito tempo que esta pobre nacionalidade não sofre, como agora, duma crise tão perigosa que ameaça subverter tudo — crise de caracteres e crises de competencias. Os males que de longe veem — agravaram-se nos ultimos anos extraordinariamente. Os odios acirraram-se tanto e as lutas de partidos tornaram-se de tal modo, implacaveis, que não existe em Portugal uma classe que não se guie, ás tontas, em desvaio, e um individuo que não sinta a fobia dolorosa do dia seguinte. A nacionalidade rola vertiginosamente

sobre um abismo e vão se quebrando, pouco a pouco, os fios de esperança que a poderiam erguer a são e salvo. Momento a momento, entontecemos de desespero e não sei como não nos afundámos de todo, ainda. Meu Deus — ainda será possivel descer mais?...

Os boatos esfervilham, hora a hora. As noticias más varam a nação com a instantaneidade do relampago. Apreensões sinistras tolhem os espiritos. Todos lamentam a situação. Todavia — ninguém procura, a tempo, atalhar o mal.

Os politicos não cessam de fazer a sua politiquice réles e rasteirinha de facção. Os industriaes não deixam de

espécular sobre a miséria. Os comerciantes não cessam de engodar o grande publico.

E os literatos continuam a fazer... literatura. De onde a onde, resalta num murmurinho o grito de alerta: a patria está em perigo!

Decorrido o primeiro momento de assombro, todos volvem, á mesma, impenitentes. Os odios acirram-se mais violentamente e os partidos seguem sempre a degladiarem-se, sem treguas nem remissão. Nesta hora de tristeza, em que todos os portuguezes deveriam dar-se fraternalmente as mãos e formar em volta da bandeira sacratissima da patria uma forte muralha de dedicações — nos vemos — ai de nós — cada vez mais afastados e irreconciliados.

E, ao longe, vai-se, pouco a pouco, tecendo a teia formidável que pode, talvez, a breve trecho, de subito, enredar-nos...

ANTONIO COBEIRA



«Da Grande Guerra»

Caillaux, l'Allemand

Acabo de receber a penosa noticia da chegada de Mr. Caillaux a Hendaye. Despachado *incógnito* da França, pouco mais ou menos como uma «valise», recebido friamente nas republicas sul-americanas, escuraçado de Lisboa, volta á casa paterna o *filho pródigo*...

Eis a nova picante, annunciada hoje nos *boulevards* e tão anciosamente ouvida como o avanço na costa em direcção a Ostende, o bombardeio de Reims, ou os combates dos *chasseurs alpins* nas alturas dos Vosges.

Nesta hora de sacrificio e de lucto não comprehendo bem a presença dum *traidôr* na minha terra de heroes, na minha *douce France*.

Traidôr, sim, porque em tempos de paz Mr. Caillaux entregou á Allemanha o nosso Congo. Esta ferida é bem recente. Não lhe toquem; ainda sangra...

Endido, sim, porque era pagador geral dos exercitos e usava a farda virgem, rutilante, de tenente-coronel, quando a fina flôr da aristocracia e do clero, deputados e senadores, gente do povo, e até creanças, todos se batiam *sur le front* cobrindo-se de gloria, mas sacrificando a vida...

Traidôr, sim, porque... Mas eu sinto a espreitar-me a burlêsca, censura do chamado governo *nacional* — o governo do *lazarone Viviani*.

E os meus rugidos impotentes de cólera vão juntar-se aos bramidos do tigre enjaulado, que se chama Clemenceau.

Eu entendo agora esses gritos braman-tes de escarneo e maldição, que depois do attentado sinistro contra Mr. Calmette soltava a juventude das escholâs.

A bas les Assassins! La femme sanglante! Caillaux, l'Allemand! Conspuez! Conspuez! significavam muito mais do que a reprovação dum crime pessoal; eram um silvo de chicote a vergastar as faces do governante francês, que se vendêra á Germania.

Por toda a parte se levantou, num entusiasmo crescente, o brado dos rapa-

zes: em Paris e Versailles, na Provincia, na Sorbonne e Lyceus, na rua, nos jornaes... Os «*camelots du Roy*» affirmaram bem alto o seu dever; e quando no meio da *podridão dos partidos* de que falla Mr. Barrès, cahiu a ameaça d'Além-Rheno, os primeiros soldados a correr ás armas fôram elles.

As juventudes republicanas, desorganizadas por Hervé e Jaures, ainda tiveram um momento de hesitação. Depois, lançaram-se tambem, num *élan* brilhantissimo, desde o Mar até a Alsacia-Lorena...

Ah! esses dias terriveis d'agosto!

A Belgica sustara o primeiro passo dos invasôres; mas a queda de Liège arastou a queda d'Anvers, a ruina de Louvain, a capitulação de Longwy, de Lille, de Ronbaix e de Maubenge, o furiôso bombardeamento de Reims.

Era a invasão-relampago do Estado-Maior do Kaiser. Tudo fugia ante as legiões da Morte. Os belgas não combatentes precipitaram-se em massa para as fronteiras hollandêsas. Despovoaram-se as nossas aldeias do norte e de léste. E até as cegonhas, alvoraçadas, abandonavam o campo, sentido o perigo...

Entretanto a corrente de fogo avançava...

Adeus filigranas gothicás, que eram o thesouro artistico da Belgica! Adeus Palacios e Catedraes com rendarias e bordados de pedra!

Adeus capellinhas de «*Notre Dame*» alumadas de noite á luz dos cirios! Adeus piedosos Christos, que a devoção ergueu em cada encruzilhada.

Tout celá s'eu va, pour Toujours!

As granadas incendiárias dos Barbaros destruíram tudo o que representava um testemunho da nossa fé. Não foi só Reims, o diamante azul do gothicismo; foram todos os sanctuarios, onde pairam ainda as almas de Clovis, de S. Luiz e de Joanna d'Arc; foram todos os mosteiros, foram todas as egrejas, fôram todas as ermidas, onde a França pequenina se baptisou, onde recebeu nos lábios trémulos a Hostia Sacrosanta, onde lhe deram a benção do casamento, onde resou e implorou durante séculos e séculos...

...Entretanto a corrente de fogo avançava. Charleros... Mons... S. Quentin... Laon... Compiègne... Como em 70, no *Anno Terrivel*, os alle-mães estavam ás portas de Paris. O governo *nacional*... desertou!

Mas perante a imminencia do perigo, todos os francêses se uniram como um só homem.

Levados ao combate pelo generalissimo Joffre, por De Castelnau, o Chef de Estado-Maior, pelo sublime Pau, o heroico mutilado — os nossos soldados bateram-se como leões, resuscitando a legendaria epopeia dos seus maiores...

Perigosamente ferida, a aguia imperial retirou-se do Marne, para sempre...

A França, a minha querida França, estava salva!

...E' nesta hora de sacrificio e de luto que o *filho pródigo* volta á casa paterna.

Meu Deus, perdoae-me a heresia!

Caillaux, o sem-patria, anda escuraçado de terra em terra, levando dentro de si o perpétuo remorso de ter atraído o paiz, onde nasceu.

Caillaux cumpre a sentença do judeu-errante... Em breves dias, num conselho de guerra, vae comparecer o seu amigo e cúmplice Desclaux, (se Napoleão resurgisse!) condecorado com a *Legião de Honra!!!*

Esperemos tristes novidades...

Não sei porquê, não me larga a imaginação o vaticinio de Tniers:

«*La République finira dans l'imbécillité ou das le sang*»...

Paris, 28 de fevereiro de 1915.

BERTRAND DE MONTROSE



Folhas soltas

A Eterna questão de S. Carlos

Mais uma vez se ventila nos jornaes a eterna questão do *theatro de S. Carlos*, não faltando as entrevistas com estes e com aquelles, vindo ás vezes o entrevistado com o respectivo retrato a laia de reclamo das pilulas Pink!

Todos fallam com perfeito conhecimento do assumpto, pelo menos assim estão convencidos, sem pensarem um minuto que a base principal do caso é não haver o antigo publico que frequentava o nosso primeiro *theatro lyrico*.

O *theatro de S. Carlos*, principalmente nos ultimos annos que o conheci, não era um verdadeiro meio de amadores de musica. Era o *theatro* onde a côrte ia quasi todas as noites e por isto mesmo a môr parte das familias corriam a assignatura não pela musica, mas para figurarem nas recitas mais elegantes, nas de caridade, nas de galla. Sabe Deus o sacrificio que algumas faziam para pagarem a dita assignatura! E a prova é que viamos, principalmente nas frizas e camarotes de 1.^a ordem, a assignatura subdividida por umas poucas de familias. Quando houve mudança de regimen e que já não havia côrte em S. Carlos, viu-se bem claramente a debandada que houve. Viram-se livre d'aquella despeza, e para calarem tal pretexto, deram-lhe a *feição politica*, e fizeram-se *grevistas*. Ora este mal ainda permanece, principalmente á parte mais difficil de assignatura, frizas e camarotes de 1.^a ordem. Para estes logares, digamos a verdade, não arranjam familias; e todos nos vimos quem por lá appareceu em algumas recitas da ultima epoca... e na platêa cavalheiros com botas amarelas! Por outro lado qualquer empreza, hade encontrar difficuldades em poder arranjar uma companhia á altura das tradições de S. Carlos. Os artistas estão carissimos, e as coristas, corpo de baile e orchestra?

A reabertura do *theatro de S. Carlos* está ligada a uma difficil engrenagem, estando convencido que difficilmente o nosso *theatro lyrico* poderá abrir-se com algum proveito para a empreza exploradora e para o publico que o venha a frequentar.

Tudo que fôr differente d'este modo de ver é uma verdadeira utopia.

ALFREDO PINTO (SACAVEM)

POMPEE BATONI



Anunciação da Virgem

(Coleção Moreira Freire)

AS CARTAS



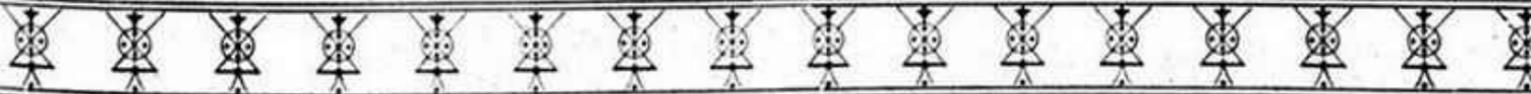
*nda negas?! Sei tudo já, infelizmente:
Num sorriso de pena, que me apunhalou,
V'io contar-me um bom amigo, que não mente,
Como a tua vaidade louca me enganou.*

*As minhas cartas, Biblias dum amor ardente,
Em que um bando de sonhos passava num vôo,
Foram lidas, relidos por bastante gente,
E existe mesmo alguém que até as decorou.*

*Vejo agora bem como a Alma feminina,
Imensa de caprichos, é bem pequenina...
Ah! não sabes tu, não sabes, então,*

*Que as cartas são poemas de ternura e mágua,
Que ha quem as 'screva com os olhos rasos de agua,
Que às vezes numa carta vai um coração!...*

CESAR CASQUEIRO



CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA

PELO MUNDO FÓRA

Prosegue sem treguas a guerra europeia, guerra de trincheiras, de sortidas, de embustes, cujo termo ninguém pode prever. O bloqueio de submarinos, declarado pela Allemanha, tem custado a esta nação algumas unidades, se bem que aos belligerantes e neutros o bloqueio tenha também causado pezados sacrificios.

A Allemanha tem que pagar aos Estados Unidos 670.000 dollars, por ter afundado dois navios mercantes.

Até 25 do mês passado o bloqueio allemão alvejou os seguintes navios:

Inglêses: «Cambank», torpedeado ao largo de Anglesey, foi a pique, morrendo quatro marinheiros; «Downshire», destruído por um submarino ao largo de Mon, mas sendo salva a tripulação; «Malaja», atacado por um navio mercante, armado em guerra, perto de Plymouth; escapou-se indemne; «Oakbys», torpedeado ao largo de Folkstone e afundado salvando-se a tripulação.

Americanos: «Evelyn», que tocou numa mina ao largo de Borkum; «Carib» tocou numa mina do mar do Norte, indo a pique e salvando-se a tripulação.

Noruegueses: «Báridge», petroleiro, torpedeado perto de Folkstone, mas não foi a pique. «Bjoerke», tocou numa mina do mar do Norte, mas a tripulação salvou-se; «Regin», a pique por submarino ou mina, mas salvou-se a tripulação.

Francêses: «Dinorah», torpedeado perto do Havre, mas não se afundou; «Marte», a pique por uma mina.

Suecos: «Specia», a pique por uma mina no mar do Norte, com 18 homens.

Ha ainda um navio desconhecido, que se supõe que é o «Roy Parana», mettido a pique em Eastbourne.

Accrescentam-se a esta lista mais dois vapores inglêses: o «Wasten Coast» e o «Delford», que foram a pique por meio de minas, salvando-se a tripulação.

Os aliados progridem tanto em França como na Belgica, e os russos tomaram novamente a offensiva contra os austro-allemaes, avançando na Bukovina. Em *Prasnysch* os russos obtiveram ultimamente importantes victorias.

Em Inglaterra approvam-se creditos de guerra na importancia de 287 milhões de libras, ao mesmo tempo que *Asquith* declara que o parlamento e o governo nunca tiveram tanta confiança na vontade dos aliados para alcançarem a victoria final.

A Allemanha, segundo informações de Compenhege, construiu em 6 meses 120 submarinos grandes, dos quaes cada um pode distribuir 100 minas de 600 kilos cada uma. Essas minas são lançadas e collocadas pelo submarino sem auxilio de nenhum navio apoio.

A Gran-Bretanha desdenha das arrogancias allemãs e declara que vae estabelecer bloqueio na costa da Africa Oriental allemã, incluindo as ilhas.

De todos os actos, dos aliados na guerra resalta, pela sua extraordinaria importancia, o ataque da esquadra anglo-francêsa aos Dardanellos, com o proposito de abrir o caminho do Mar Negro, e expulsar o turco da Europa.

Sabem todos qual foi a marcha victoriosa dos bulgaros na primeira phase da guerra balkanica. O rei Fernando deteve-se ante as linhas de *Tchataldja*, depois das brilhantes batalhas de *Kirkilisse* e de *Lute Burgas*, porque o seu sonho era dominar ao mesmo tempo em *Salonica* e *Monastir*, reservando-se para mais tarde occupar Constantinopla.

A indecisão bulgara e a sua desmedida ambição ocasionaram a segunda guerra balkanica, em que grupos, servios, rumenos e turcos cahiram sobre a Bulgaria—a *Prussia* do Oriente, como alguns lhe chamam—despedaçando-a a capricho. A Bulgaria não pô e esquecer a humilhação, e ficou fóra da entente entre a Rumania, a Servia e a Grecia.

Se o rei Fernando tivesse—como se suppoz que era sua intenção a principio—ido ouvir missa a *Santa Sophia*, os russos ter-se-hiam incomodado com isso, e outro tanto succederia ao imperador da Austria, que acalentava o sonho secular de Habsburgos de se apossar de Constantinopla.

A Inglaterra convinha que a cidade de Constantino ficasse sob o poder de uma potencia de terceira ordem e trabalhava a favor da Bulgaria, que administraria Constantinopla de maneira a fazer d'ella uma cidade essencialmente Cosmopolita.

Os bulgaros porém só pensavam na desforra. A guerra deixara-os arrasados, não podendo portanto lançar-se logo sobre a Servia, no dia em que a Turquia se decidiu a participar da guerra ao lado da Allemanha. A sua attitude indecisa impediu que os rumenios entrassem em acção ao lado da Russia, da França e da Inglaterra, e sobretudo para resgatarem as suas provincias da *Transylvania*, agora sob o jugo da Hungria. Os rumenios receiam que lançando-se na guerra contra a Austria-Hungria, se vejam atacados pela Bulgaria pela fronteira do sul.

Para conter os bulgaros e estimular os rumenios é que as esquadras franco-inglezas forçam os Dardanellos e pretendem apoderar-se de Constantinopla. No dia em que a capital torne a cair em poder dos aliados, deixa de existir o receio de que a Bulgaria ataque a Rumania, quando esta nação se decida a entrar na lucta, porque então seria possível ameaçar os bulgaros pela fronteira sul, onde se sentem seguros, enquanto os turcos a defenderem.

Não é este porém o unico objectivo do bombardeio dos aliados. Tem também em mira estabelecer outra linha de comunicação entre a França, a Inglaterra e a Russia, podendo dar sahida ao trigo acumulado no *Mar Negro*.

A tomada dos Dardanellos pode mesmo determinar a intervenção da Italia na guerra; mas o fim principal é pôr a Rumania em condições de se pôr ao lado dos aliados sem receio dos bulgaros.

São os navios anglo-francêses que abrem o caminho de Constantinopla, mas diz-se que não hão de ser os soldados da Inglaterra e da França que hão de occupar a cidade. Essa honra ha-de ser para os russos, que para isso se estão preparando em Odessa. E d'este modo será a Inglaterra quem realizará

o velho ideal russo, que ella tem combatido desde ha mais dum século.

Fallemos dos *Dardanellos*, cuja historia merece um resumido extracto nestas columnas. *Dardanellos Hellesponto* ou *Estreito de Gallipoli*, é um estreito entre a Europa e a Asia, que liga o *mar Egeu* com o *Propontis* ou *mar de Marmara*. O seu comprimento é de cerca de 70 kilometros. A maior largura é de 7 kilometros, sendo a entrada de 4, e havendo pontos onde não passa de 1800 metros. A parte mais estreita é entre *Sestos* e *Abydos*, onde *Xerxes* lançou a sua ponte no anno 480 antes de Christo. Foi nesse mesmo ponto que Alexandre o grande passou o estreito no anno de 334 a. de C. No mesmo local se passou a classica façanha de *Leandro*, imitado por *Byron* em 1810.

O estreito é de uma grande importancia strategica, visto dominar a entrada de Constantinopla. Está bem fortificado de ambos os lados e a sua passagem está além d'isso protegida por torpedos. Os fortes foram reconstruidos pelos allemães e guarnecidos de artilharia *Krupp*. Ha além d'isso baterias razzantes que cruzam os seus fogos.

No lado asiatico está a porta fortificada de *Dardanellos* ou *Kale i-Sultanije*, ou *Chanik-Kalassi*, (a grande fortaleza do sultão), nome do castello mandado construir pelo sultão *Mohamed II*, que também mandou edificar outro na passagem europeia, chamado *Kilid-Bahr*, ou o «ferrolho do mar».

N'este ponto a terra asiatica forma promontorio e as suas rochas submarinas obrigam os navios a appproximar-se mais da costa para subir o canal até Gallipoli. E' esta portanto a parte do estreito mais facil de defender.

Os turcos confiaram demasiado na defeza dos Dardanellos, de modo que a 26 de Julho de 1770 foram cruelmente surprehendidos pela visita d'uma esquadra russa de sete grandes unidades, sob o commando de *Elphinstone*, que sem grande difficuldade passou a vista dos navios turcos dos Dardanellos, que se tinham esquecido de se munir de projecteis!

A 19 de Fevereiro de 1807 o almirante inglez *Duckworth* forçou-lhe a entrada para Constantinopla com 8 navios de linha, fragatas, canhoneiras, etc. Em 1809 estabelece-se um accordo entre os governos inglez e turco para se fechar os Dardanellos a qualquer navio de guerra estrangeiro. Em 1841 assignou-se um tratado em que nenhum navio de guerra estrangeiro pôde passar pelos Dardanellos sem consentimento da Turquia. Esta prohibição foi suspensa excepcionalmente em 1853, anno em que a frota anglo-francêza seguiu o canal e chegou até ao *Bosphoro*. No intervallo, em 1823, os gregos tinham, por seu turno, forçado sem grande perigo, a passagem do estreito.

Em 1878 passou por lá uma esquadra britanica para proteger Constantinopla contra os russos (como os tempos mudam!); e em 1891 o sultão permitiu que os navios da esquadra de voluntarios russos, mesmo quando transportassem soldados e degredados, passassem pelos Dardanellos. Durante a guerra

Russo-Japoneza os cruzadores russos *Peterburg* e *Smolonsk* passaram o *Bosphoro* e os *Dardanellos* sob a bandeira commercial, assumindo-o seu verdadeiro caracter no *Mar Vermelho* e fazendo parar muitos navios inglezes e allemães.

Durante a recente guerra italo-turca, para a conquista da *Lybia*, os italianos fizeram uma tentativa heroica para transpor os *Dardanellos*.

Sob o commando de Eurico Millo,

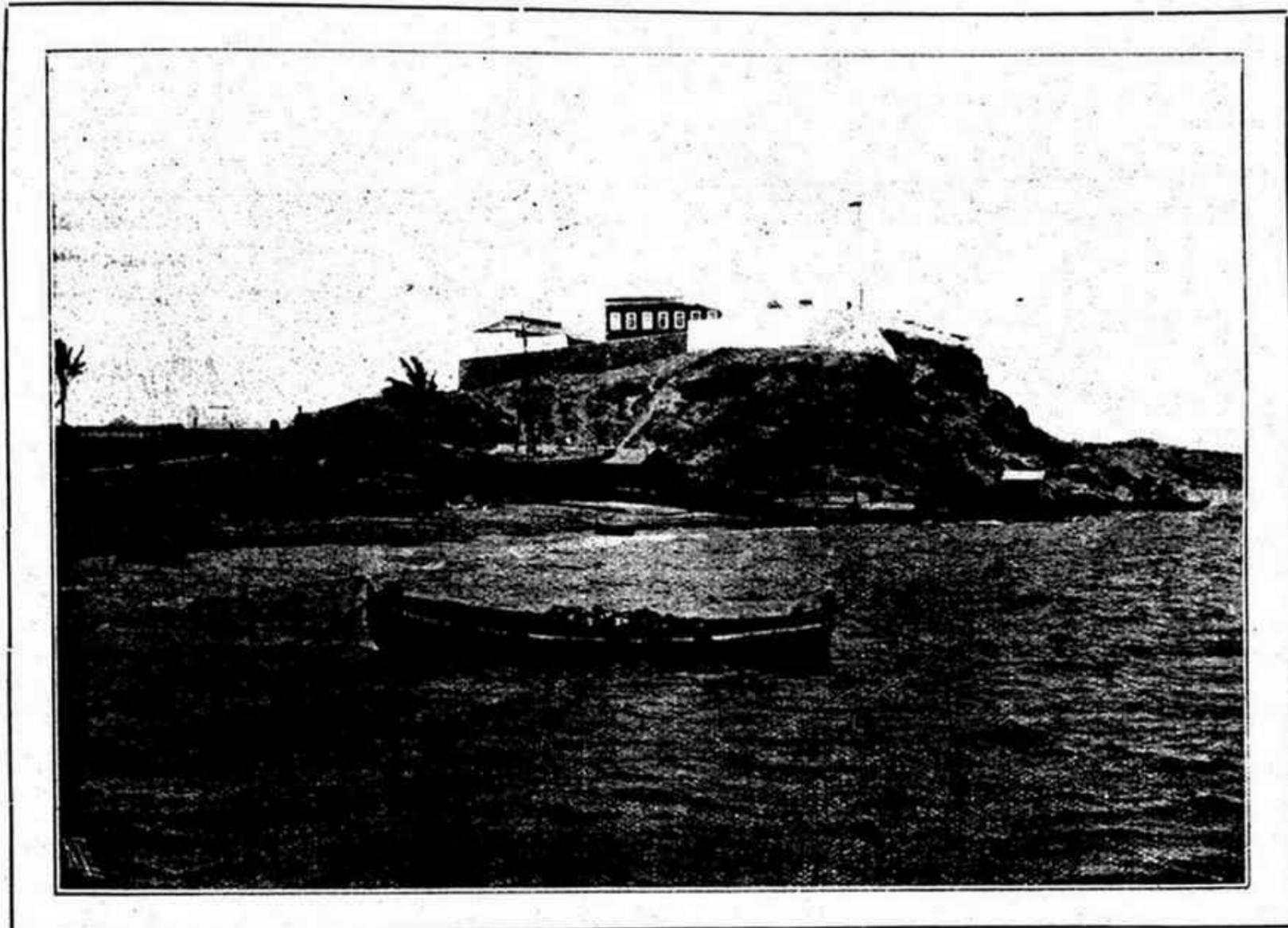
uma esquadilha de cinco torpedeiros avançou no estreito durante a noite de 18 para 19 de Julho de 1912, e, apesar do fogo intenso dos fortes turcos, percorreu 22 kilometros, indo até *Kilid Bahr*.

A 13 de Dezembro ultimo o submarino inglez *B-II*, tendo por alvo o couraçado turco «*Messudich*», atravessou a zona de defeza n'um percurso de 9 horas, afundando o couraçado.

Outro submarino, «*Saphir*», francez, conseguiu passar debaixo das minas, mas tendo tocado no fundo, perdeu o governo, e foi aprisionado pelos turcos.

O ataque de agora é mais violento e decisivo. D'este resultarão consequencias que modificarão a marcha dos acontecimentos e portanto apressaram o desfecho d'esto tremendo duello.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA



Angola -- FORTALEZA DE S. FERNANDO (MOSSAMEDES)

Narrativas dum Exilado

Memorias duma testemunha presencial dos primeiros acontecimentos da Grande-Guerra na Belgica

Continuamos hoje a exarar nas paginas desta Revista as notas de impressões, deveras curiosas, que o espirito fino e culto do sr. D. Tomaz da Camara soube recolher na ocasião precisa do assalto realisado pelos allemães à pequenina e heroica Belgica. A conquista de Louvain — eis o assunto das paginas que sequeem. O quadro não pode ser mais interessante, nem mais horroroso.

Estava destinado ao sr. D. Tomaz da Camara — assistir ao desenrolar dos acontecimentos formidáveis que tão a primôr nos sabe descrever. De resto, esta especie de espectaculo presenciados na Belgica, parece ser uma sina de familia.

Seu avô materno, Conde de Mafra, D. Francisco de Mello Breyner assistiu em Bruzellas à revolução de 1830 que deu à Belgica a sua independencia. Seu pae, nosso saudoso amigo D. João da Camara estava estudando em Louvain quando a guerra de 1870 foi declarada.

Successos de guerra até 30 de Agosto

II

O incendio de Louvain

Não assisti ao incendio de Louvain. Estava em Ostende quando se deu essa catastrophe, ou mais corre tamente, se praticou esse crime.

Mas as narrativas de muitos habitantes de Louvain, que depois do incendio se refugiaram em Ostende, pe mittem-me fazer uma descripção exacta da destruição da linda cidade Universitaria.

Entre os muitos refugiados com quem fallei cito o nome do *Dr. Gilson*, distinctissimo professor da Faculdade de Medicina da Universidade Catholica de Louvain, que muito amavelmente me

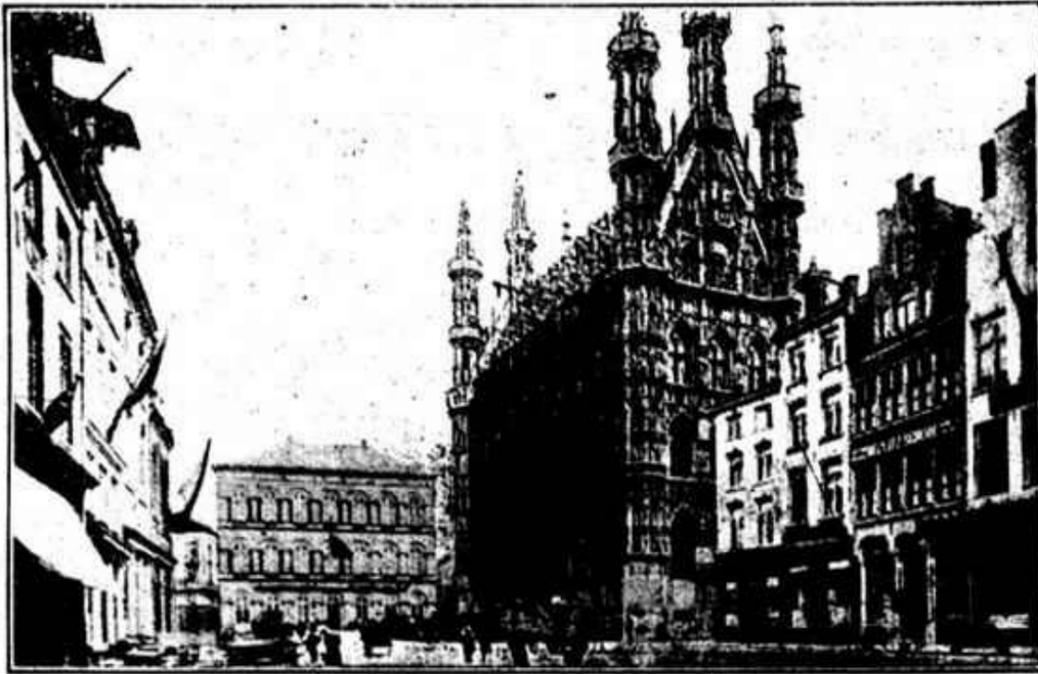
contou todas as suas interessantissimas aventuras, das quaes tive o cuidado de tomar nota.

Muito interessantes tambem as notas que recolhi do meu amigo Baron Ch. Kervyn de Lettenh ve, alumno da Universidade de Louvain, então soldado voluntario do Exercito belga e addido ao Estado maior inglez em Ostende. Não quero deixar de citar tambem, o nome do meu amigo e compatriota, distincto alumno da Universidade de Louvain, sr. Alfredo dos Santos Pinto, que chegado ha pouco da Belgica, me forne-

ceu dados preciosos para a Historia do incendio de Louvain, que elle presenciou em todos os seus horrôres.

Juntando ás notas que recolhi, as cartas que então escrevi para Lisboa, e ajudado ainda pela minha memoria, vou historiar, ainda que pallidamente, o mais tragico acontecimento da actual guerra.

No dia 19 d'Agosto de 1914, ás 2 horas da tarde, o Exercito allemão fez a sua entrada triumphal em Louvain. Os soldados, de bom aspecto, apresentam-se limpos e frescos. Naturalmente tropas



LOUVAIN — LA GRAND'PLACE — Antes de destruída pelos alemães
(Ao centro vê-se o celebre monumento HOTEL DE VILLE)

que ainda não tinham combatido. Atravessam a cidade, marchando ao som de hymnos tocados pelas bandas. São aos milhares, e em pouco tempo todas as ruas e praças ficam cheias.

A população recupera o sangue frio, aventura-se pelas ruas, e em francez ou flamengo, melhor ou peor, conversa com os soldados allemães que então se mostram bem humorados e delicados. Calcula-se em 200 a 300.000 os homens que passam por Louvain, os quaes se dirigem para Bruxellas.

Os que ficam em Louvain distribuem-se pelas casas dos habitantes em grupos de 20 a 30, e pelos armazens em grupos de 50 a 100. Se os habitantes estão ausentes, arrombam as portas. Occupam tambem o Theatro e os Animatographos, e em todas as janellas se veem soldados fazendo as suas *toilettes* e pondo a roupa a seccar. Os officiaes, attenciosos e delicados, fazem quartel general no magestoso Hotel de Ville, e hospedam-se nos hoteis.

As requisições são feitas pelo Bourgmestre, Mr. Colins, a quem o Exercito allemão paga... por meio de bons.

Exigem tudo, de tal maneira, que a população vê despejarem-se os armazens, ficando ella apenas com o sufficiente para não morrer de fome. A limpeza das

ruas deixa de se fazer, ameaçando assim a saude publica.

As arvores dos elegantes Boulevards



LOUVAIN — RUA DE LA STATION — Antes de destruída pelos alemães
(1) Café dos Estudantes Estrangeiros. (2) Theatro. (3) Estação

e das praças publicas são deitadas abaixo, para fazerem fogueiras. Os soldados invadem os cafés, restaurantes e *estami-*

nets, embriagam se, enquanto a população civil assiste, consternada e de braços cruzados, á devastação da sua linda cidade.

O dia 20 é de relativo socego.

Continua o desfile de milhares de soldados em direcção a Bruxellas. Passam tambem compridissimas filas de carros de todos os feitios e dimensões, muitos dos quaes ficam em Louvain um ou dois dias, descarregam mantimentos ou munições, ou sollrem varias reparações. O dia 21 é já mais perturbado. Fugitivos d'Aerschot dizem que a cidade está completamente arruinada; os de outras localidades contam dezenas de fusillamentos; o incendio grassa por todos os lados. Contam-se episcdios horribéis:

O Bourgmestre d'Aerschot foi fusillado com o filho, e a mulher endoideceu! As estradas cheias de creanças, velhos e mulheres assassinadas! A população mostra-se inquieta. O governo militar allemão de Louvain affixa varias proclamações:

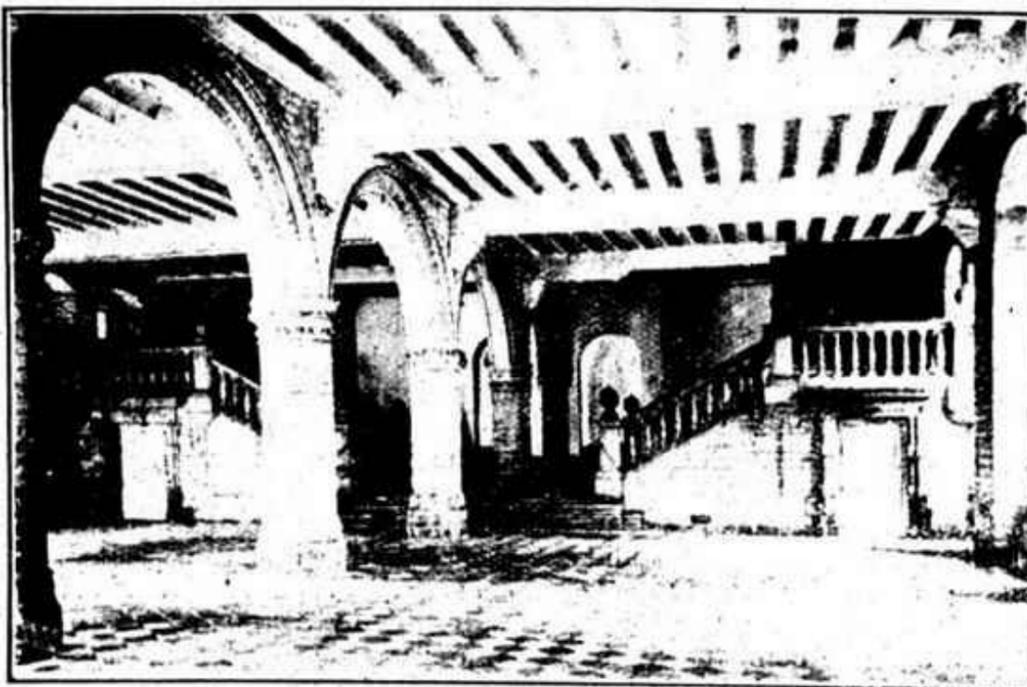
— Os habitantes devem respeitar o exercito allemão.— Todos devem conservar o seu sangue frio.— E' prohibida a

circulação nas ruas, depois das 8 horas da noite.— Na rua de la Station e na rua de Bruxelles, todas as janellas e portas devem estar abertas e illuminadas etc, etc.

Para garantir as proclamações, o governo allemão aprisiona o Bourgmestre e dois vereadores, cujas vidas responderão pelos actos da população.

No dia 22, ás 2 horas da tarde, os soldados allemães sahem de Louvain precipitadamente de tal maneira que ás 6 horas da tarde a cidade fica entregue a uma pequenissima guarnição. A população recupera um pouco de animo, sahe de casa, e distribue-se pelos cafés e restaurantes, e todos trocam impressões. O que ha? Porque sahiram os allemães tão precipitadamente? Aonde está o exercito belga? O que fazem os alliados? Ha quatro dias que dura a escravidão, e todos estão já fartos dos «ratos cinzentos» como eles chamam aos soldados do Kaiser. Os refens da vespera são postos em liberdade, e em troca são detidos o presidente do Tribunal, um advogado, e o Reitor da Universidade Mgr. Ladeuze.

De tarde, o governo militar allemão faz



LOUVAIN — ENTRADA PARA A BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
Antes de destruída pelos alemães

atixar uma proclamação mais violenta do que as precedentes:

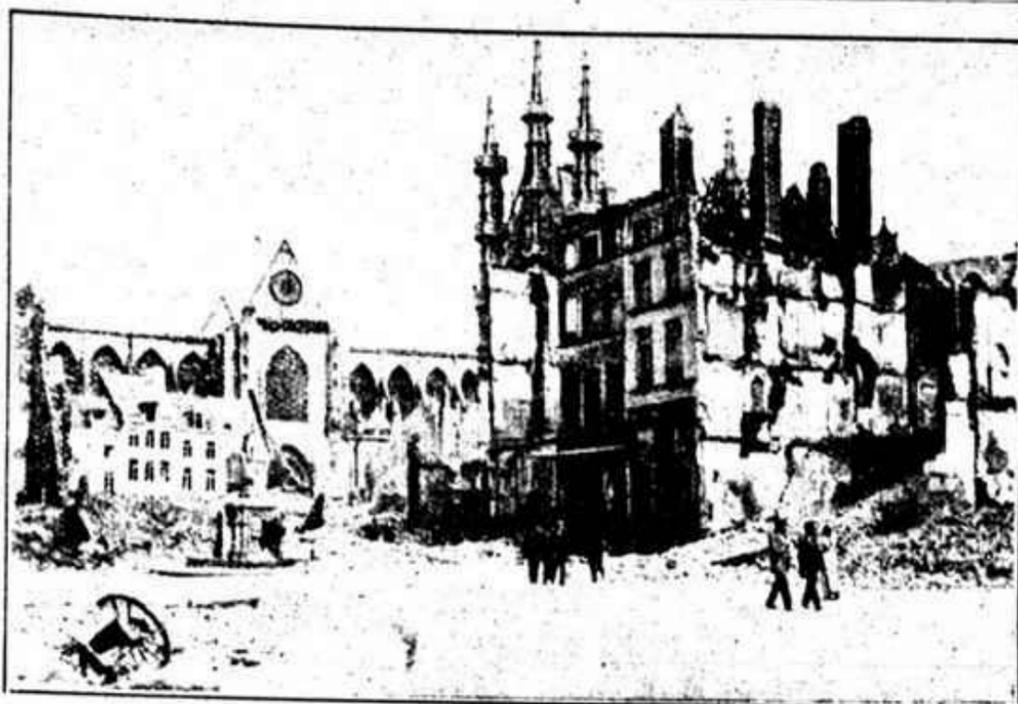
«Respeito absoluto das tropas alemãs. Proibição de maltratar os soldados. Os portadores d'armas serão fusillados. Se alguém atirar sobre os soldados, a cidade, villa ou aldeia será destruída. Se o caso se passar entre duas localidades, ambas sofrerão o castigo».

A população fica apavorada, e todos os possuidores d'armas, correm a entregá-las imediatamente.

No dia seguinte, domingo, 23 d'Agosto, os habitantes da infeliz Louvain acordam sobresaltados pelo troar da artilheria na direcção do Wavre, e não muito longe de Louvain. O que será? Anuncia-se a entrada dos aliados em Louvain, para essa tarde, e todos ficam muito esperançados.

Mas infelizmente, ao anoitecer, a Divisão allemão que a vespera tinha abandonado a cidade, torna a entrar em Louvain, victoriosa, ao som do hymno patriótico *Die Wacht am Rhein*, cantado em côro por milhares de soldados. A população desanima, e entra para casa mais triste do que nunca.

No dia 24, os allemães tratam de pôr



LOUVAIN — LA GRAND'PLACE — Depois de destruída pelos allemães
(Ao centro, vê-se ainda intacto o HOTEL DE VILLE)

pas. A população é obrigada a ceder-lhes as suas camas. N'essa mesma tarde o governo allemão prende mais umas 20 notabilidades de Louvain, entre ellas o

Malines. Renasce a esperança d'uma próxima liberdade...

Em Louvain os allemães confiscam o dinheiro dos correios, caminhos de ferro e bancos. A indignação é enorme. Depois de todos os vexames e requisições, o roubo!

A tarde chegam mais tropas.

O anoitecer é tranquillo, mas na manhã seguinte, quando o sol se levantou, magestoso e radiante, do que fôra a patria de Juste Lipse apenas viu ruínas e cadáveres, só ouviu gemidos e choros.

É que a noite de 25 para 26 d'Agosto de 1914, foi a noite tragica que manchou para sempre a corôa imperial do Kaiser.

.....
É' impossivel descrever o incendio de Louvain. O que ouvi contar ultrapassa em horrôr tudo o que se possa imaginar.

Pelas 8 horas da noite de 25 d'Agosto, os soldados allemães abandonam precipitadamente as habitações; a população, alarmada, julga que os aliados estão ás portas da cidade, mas não sabe o que se passa, visto não poder sahir de casa.

De repente, houve-se um barulho infernal. Dezenas de automoveis percorrem a cidade a toda a velocidade. Ouvem-se tiros de todos os lados. Por toda a parte



LOUVAIN — RUE DE LA STATION — Depois de destruída pelos allemães

tudo em ordem. A circulação dos comboios recomeça entre Louvain, Bruxellas e Tirlemont. Louvain fica sendo o centro de todas as operações militares na Belgica. O movimento de tropas e o transporte de viveres e munições é constante.

Continua o triste desfile de desgraçados camponeses que fugiram de suas casas. Voltam para as suas aldeias visto que em toda a parte ha allemães. A maior parte só encontram ruínas, e o pouco que ainda está de pé, invadido pelos allemães.

Todos caminham tristes e silenciosos. Os homens validos foram aprisionados, e muitos fusillados.

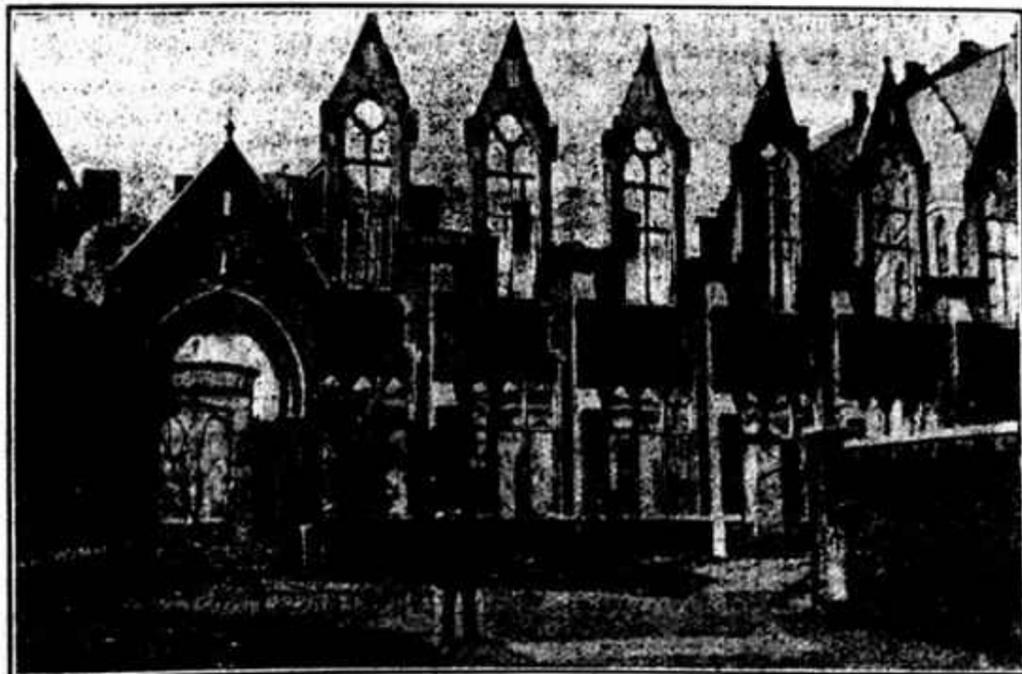
É qual a causa de todos estes excessos? Sempre a mesma resposta: «atiraram sobre os nossos soldados!». Em toda a parte o mesmo systema, a mesma comedia sinistra, a odiosa machinação cynicamente preparada e friamente executada por uma soldadesca brutal e selvagem!

Em toda a parte milhares de creanças, de mulheres e de velhos victimas d'um plano premeditado e infame!

Na tarde do dia 24 chegam mais tro-

juiz De Becker e o Vice-Reitor da Alma Mater Mgr. Coenraets.

O dia 25 passa sem grande novidade. Ouve-se a artilheria para os lados de



LOUVAIN — PATEO DA UNIVERSIDADE — Depois de destruída pelos allemães

se veem soldados n'uma correria doida, disparando tiros ao acaso.

A fusillaria é cada vez maior. Várias metralhadoras postadas nos Boulevards, aterrorizam a desgraçada população, causando algumas victimas.

Assim se passam duas longas horas. Pelas dez horas, o centro da cidade arde completamente. A fusillaria diminuiu, mas ouvem-se ainda tiros isolados por toda a parte.

De repente, o incendio declara-se violento para os lados da Estação, e pouco tempo depois toda a cidade ardia.

A soldadesca allemã, cynicamente disciplinada, obedecendo ás ordens dos seus officiaes, incendeia a sangue frio aquella linda cidade que contava seculos d'uma existencia cheia de glorias e de trabalho!

A violencia do incendio é pavorosa. Muitas casas ardem completamente em meia hora! Os habitantes refugiam se nos jardins. Os que se aventuram nas ruas são implacavelmente assassinados pelos soldados do Kaiser.

Muitos encontram a morte nos escombros das suas casas. A' meia noite, toda a cidade ardia. A fusillaria cessou, como por encanto. Não se ouve um só grito; apenas o barulho surdo da chama e o desabar constante de centenas de casas.

Espectaculo verdadeiramente tragico!

Tantas riquezas destruidas em poucas horas! Tantos seculos de trabalho inutilizados!

Aniquiladas tantas recordações de familia, religiosamente conservadas atravez de dezenas de gerações!

O pesadelo mais horrivel não pôde dar senão uma fraca idea do que foi aquella pavorosa tragedia. Durante toda a noite, inumeros bandidos roubam, assassinam, incendeiam, levam a morte e a desolação a todos os cantos da triste cidade!

Calcula-se em 2500 o numero de casas destruidos, num valôr de 180 milhões de francos.

Quantos mortos? Ninguem pôde avaliar, mas contam-se por certo, as centenas.

Todos os bairros da cidade soffreram muito. Alguns ficaram completamente arrasados. A parte central de Louvain, a mais rica, a mais moderna e por certo a mais bonita, ardeu completamente.

A velha, historica e linda Cathedral de Saint Pierre, não é mais do que um montão de ruinas.

A riquissima Bibliotheca da Universidade, reduzida a cinzas, assim como o velho edificio que desde 1426 servia de secretaria, e actualmente Faculdade de Direito, e que viu, certamente, passar perto de 2 milhões de alumnos de muitas gerações!

Quantos desgraçados sem pão nem tecto, quantos orphãos, quantas viúvas?

Mas não ficaram por aqui as desgraças da triste população de Louvain, como veremos.

Pobre cidade! Desgraçado Paiz.

THOMAZ DA CAMARA

ROMANCE

M Dellyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

(Continuado do numero antecedente)

— Myrto, está ferida?

— Não, graças a Deus.

— Que miseravel que eu sou! Como fui ingrato para quem foi tão boa para meu filho! Estava louco de dôr, apoz uma noite, como poderá imaginar.

— Sim, o principe não estava em si, não posso crêr que sendo educado com fé, chegasse a praticar e querer cumprir tal loucura!

— O meu coração está endurecido. A minha alma coberta de dôr, necessita cuidar de si, Myrto.

— Não é nada... estou agora mais nervosa por causa talvez das noites perdidas.

— Sim, talvez, gastou forças n'aquellas horas junta de meu filho... e eis como eu lhe agradei!!! Myrto, eu vou chamar o medico.

— Oh! não! não é necessario que alguém saiba do que se passou aqui.

— E' muito generosa! mas não quero que a sua saude soffra, o medico nada dirá.

— E' inutil, vou entrar devagar no castello.

Quando Myrto se poz de pé, estava tão tremula que não podia quasi que andar.

— Vê, ainda não está bem. Permita-me que lhe offereça o braço.

Ela olhou para elle com um modo perplexo.

— Poderão perguntar o que significa isto?

— Poderá responder, que nada têm que saber.

— Se fôr sua mãe?

— Minha mãe dorme ainda a esta hora. Os creados estam-se a levantar, os jardineiros não começaram decerto os seus trabalhos. Demais estando assim fraca, não a posso deixar ir sozinha, e mesmo desejo contar diante de todos o que se passou agora.

Subjugada por esta decisão, ella pousou a mão sobre o braço que o principe lhe apresentava, e segura por elle, Myrto desceu lentamente os degraus.

Uma tremura a fez parar, a uma certa distancia avistou sobre um canteiro de relva o revolver do principe.

— Oh! perdão, disse Milcza, deveria faze-lo desaparecer, e pegando n'elle mettu-o no bolso do casaco. O olhar de Myrto traduziu uma supplica.

— Poderá ficar certa que não me servirei d'elle; mas... peço que rese por mim porque soffro muito.

A mão de Myrto procurava no vestido a pequena cruz de prata e olhando para Milcza disse:

— Não sei se estarei enganada, mas creio que será feliz se receber esta minha cruz, que esteve nas mãos de seu filho.

— Oh! não, não! é uma acção delicada, mas recuso esse sacrificio.

— Receba essa cruz, ficarei contente pensando que será uma recordação dos ultimos suspiros de minha mãe e de seu filho.

Docemente poz-lhe a cruz sobre a mão.

— E Myrto?! disse elle com uma voz tremula.

— Eu? pensarei que essa cruz lhe dará resignação e tranquillidade.

— Não encontro palavras que possam traduzir o que eu sinto e agora podera pedir tudo a seu primo.

Deu-lhe novamente o braço, e ambos seguiram a direcção do castello.

Como tinha dito o principe, os jardins estavam desertos. Myrto parou e voltando-se para Milcza:

— Agora posso ir sosinha, muito obrigada, principe.

— Principe! Porque não me trata por primo?! E' verdade, que até aqui o *tristonho* não dava direito a isso, não é verdade? Mas presentemente sinto dentro de mim uma nova força, filha da sua dedicação por meu filho, e vejo que me perdoou tal loucura que será uma das mais dolorosas recordações da minha vida.

— Não pense mais n'isso! sou feliz por Deus na sua misericordia, ter-me feito chegar n'aquella ocasião, meu primo!

— Obrigado, Myrto!

Elle curvou-se beijou levemente a mão de Myrto, e separou-se, olhando de vez em quando para traz, para ver se Myrto não precisava de ninguem.

Myrto foi logo para o quarto, mas sentia-se nervosa e fraca em ultimo extremo. Foi sentada numa grande cadeira decorridas duas horas, que Thylda a foi encontrar quando vinha para a cama. E a creada desceu rapidamente a escada espalhando a nova que a menina Myrto estava doente com a molestia do menino principe.

XI

Os terrores de Thylda não foram fundados. O Dr. Hedaï não descobriu nenhum motivo para taes ideias. Myrto apenas tinha uma febre nervosa devida ás emoções d'aquelles dias.

Katalia, veio logo dizendo a Myrto que o principe tinha dado as mais rigorosas ordens, para se ocupar muito do serviço da sr.^a Myrto. Katalia não deixava Myrto, e tratava-a com um zelo-bem diferente do que era até ali. Durante oito dias que Myrto esteve de cama, o medico vinha ainda de manhã e á noite. No fim de trez dias, sentiu se melhor Myrto disse para o medico:

— Não vale a pena fazer-me tantas visitas; creio não estar tão doente a ponto de precisar tantos cuidados!

— Ordem do principe Milcza! respondeu o velho medico. Todas as vezes que tenho que sahir d'aqui, vou-lhe dar sempre noticias da menina. Não faz mais do que a sua obrigação, pois ser viu-lhe de muito quando o filho esteve doente.

— Pouco eu fiz, meu caro doutor.

— Sei bem o que digo e o principe não é homem que se esqueça do que lhe fazem.

(Continúa)

CEIFEIROS

(Ao Manuel Semblano)

Dias quentes de verão!
A natureza ri, delirando em carnagens
vermelhas de prazer inebriante.

Nos lameiros ribeirinhos, orlados de
salgueiros e de freixos, os *vitelos* brin-
cam sos, retouçando os fenos novos.

Pelos geios as vides cobertas de folhu-
das roupagens estendem os braços num
espergüamento de volúpia.

As searas alouradas da sazão fogem,
como ondinas pelas leiras ao sopro tepido
da brisa, que as oscula numa eclosão
lubrica de amor.

Os lares povoam-se de alegria sã...
— As colheitas esperam-se fartas...
todo ano haverá pão, louvado Deus...

Os primeiros ran-
chos de ceifeiros des-
cem das montanhas
vestidas de souts.

Moçoilas d'olhos
negros a denuncia-
rem desejos inofri-
dos — os coletes de
riscado justos sobre
os seios tumidos,
repuxados para ci-
ma, sobraçando ra-
minhos cheirosos de
arçãs apanhadas nos
montes, de passa-
gem — enchem os ca-
minhos de vozes ma-
guadas d'anceios d'a-
môr...

*Falta-me a luz dos
teus olhos*

*Meu amor do cora-
ção...*

E os montanhei-
ros de chapeirões de
palha grossa derru-
bados para a testa,
as jaquetas de traba-
lho, penduradas no
ombro, seguem

atrás delas, rufando numa velha péle
surrada de bombo, a que se misturam
estridentes sons de *gaitas de foles* e *fer-
rinhos* num descompassado ritmo, quasi
selvagem de saltimbancos de feira.

Caravanas ambulantes, que oferecem
trabalho pelos povoados...

Ceifeiros!... Ceifeiros!...

Lá deante, na linha do horisonte, fica
a pequena aldeia, onde encontrarão tra-
balho, amodorrada entre olivedos tristes,
que vestem a encosta. É uma velha al-
deia trasmontana, formada duma pinha
de casas cõr de barro, e, onde, de cal,
só branqueja o *chalet do brasileiro* e a
igrejinha rustica, levemente *renascença*,
que os francezes, ou outros por eles, rou-
baram nas guerras peninsulares, erguida
a um canto, no *cimo do povo* e onde o
senhor reitor, nos domingos ao romper
d'alva, diz a sua missa para ir atirar de-
pois aos coelhos pelos montes...

Nos cumes das serras, recortadas de
cristas, esbatem-se já os ultimos tons
doirados e vermelhos dum poente de
fôgo, delicioso, magnifico...

Pelas veredas tortuosas dos cabêços
os rebanhos de ovelhas brancas, telin-
tando, recolhem aos redis.

A noite desce mansamente, enquanto
a natureza cançada e frouxa amortece,
escutando em silencio os ultimos écós

das quebradas, ou o rumor leve das fo-
lhas d'algum negrilho solitario abanadas
pelas arlagens mornas do crepusculo.

Os ceifeiros chegam cantando, gri-
tando num *pantemonto* de sons bárbaros
e primitivos, que dizem toda a singeleza
d'uma vida rural cheia de saude, como
devia de ter sido a dos primeiros homens
que araram a terra.

Bandos de garotos risnados do sol as-
soram as portadas para os vêr passar
na sua alegria comunicativa.

Param. Ouve se de novo o pregão:

Ceifeiros!... Ceifeiros!...

E os bombos continuam rufando, en-
trementes que as raparigas jogralam ve-
lhas e rusticas canções...

*Trigo leiro, trigo loiro,
Quem me dera a tua cõr...*



CEIFEIROS

Pelas estradas fõra os carros regres-
sam das fainas, chiando.

Os ceifeiros justam trabalho e concer-
tam amores...

O trigo sazoado e maduro, da cor do
ouro, cai aos feixes, segado cerce, pelas
olgas e *regotas*.

A terra muda de aspecto: desfeia-se,
envelhece...

Nas tulhas e celeiros crescerá, porém
o grão.

Até os pobres serão felizes...

— Felizes?

... No rosto dos dois velhos bailara de
novo a esperança...

Tão desgraçado sempre... mas aquele
eno era bom, trazia fartura...

E então os seus rostos parados tenta-
vam sorrir, recordando os tempos em
que casaram... fõra pelo S. Miguel, ha
tantos anos!... Ainda o *floxera* não ha-
via dado nas vinhas...

Ninguém era pobre, nesse tempo...

— Hoje... e ficavam-se sismando.

Deus não lhes havia faltado, é certo;
tinham esperança...

A filha — a Rita — lá andava nos ran-
chos por povoados distantes, ceifando.

O João emigrara, fazia agora pelo S
Pedro um ano, mas ha quantos meses
sem noticias!...

— Ha-de voltar, verás tu, fez a velha,
deixando escapar um suspiro abafado
na garganta...

O Pedro era trabalhador, bom moço;
prometera casamento á Rita, e lá an-
dava com ela pelas segadas...

— Quando voltassem...

Mas um dia os ranchos voltaram; vi-
nham alegres como partiram. Os *har-
moniums* e os bombos soltavam outra
vez as suas notas garrida, duma alacri-
dade agreste.

Os cantares, ebricitantes, rubros de
tonalidades...

*Altas torres tem teu peito
Nas mais altas ja me eu vi:
Não se me dá que cutrem suba
Escadas que eu deseji...*

Mas um, só um
apenas, emudecera
nos seus folguedos
joviaes... Era o
rancho de Pedro.

— Porque não
cantava, como os ou-
tros?

... A sua Rita,
aquela rapariga de
tranças negras de
que ele gostava tan-
to, e que tão ingrata
fõra, afinal, ao seu
amor simples, ingé-
nuo de serrano, dei-
xara-o, para se ir
com outro — a doidi-
vanas...

— Era rico, *éle!*...

Que ancias mor-
taes, amargas, não
sentia ás vezes! Re-
sáibos de fel subiam-
lhe á garganta...

Como tinha vontade
de lhes estalar as

costelas, a ambos, té lhe fazer verter
sangue pela boca, se os houvesse ás
mãos...

A vingança! como era doce a vin-
gança...

E tinha vertigens; as fontes lateja-
vam-lhe. Uivava...

— Mas ela, ah!... até os paes deixara,
mirrando-se de dôr, de miseria... os
honrados velhos!

Mas só eles esperavam a sua volta,
como esperavam o regresso do seu
João...

No lar apagado ainda haveria uma
encherga para a desgraçada...

— Só eles lhe saberiam perdoar, se
ela voltasse...

... e voltaria, tinham a certeza...

RUI DE NEIVA.



"Sports"

Mais progressos da aviação militar

Os aviadores francezes conseguiram mais uma
proeza com grandes resultados práticos.

A 150 kilometros de Belfort e para o outro lado
da floresta Negra, fica Neckar onde existe uma
importante fábrica de pólvora de Rottowel. Um
avião francez, voando a 1.500 lançou 4 granadas
carregadas de melinite; a primeira sobre o reser-

vatorio do ácido e as tres restantes sobre a fabrica da polvora. Os resultados não se fizeram esperar.

A fabrica ficou totalmente invadida pelas chamas dum pavoroso incendio cujo espeço fumo subia até á altura do aparelho que, durante 10 minutos observava, os destroços causados pelo bombardeamento.

Em Champagne

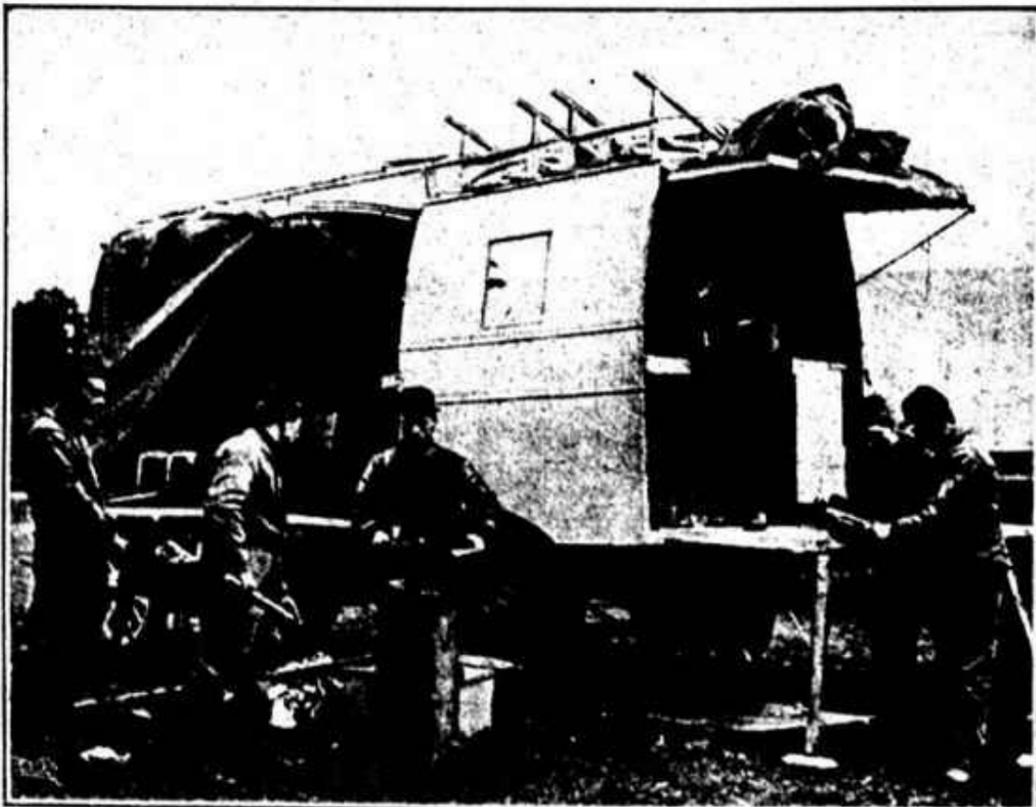
No fim de Fevereiro os aviadores dos aliados lançaram, na região de Champagne, 60 bombas sobre as gares, comboios e agrupamentos dos inimigos que causaram estragos extraordinarios e produziram um pânico enorme nas tropas do Kaiser.

Grande festival Militar

Uma comissão de officiais do Exército de terra e mar está trabalhando na organização dum imponente sarau sportivo cujo produto revertirá a beneficio das familias dos inutilizados na guerra d'Africa.

Os alunos do Colégio Militar, da Escola de Guerra e da Escola Naval apresentarão numeros sensacionais de ginastica e de sport. Soldados de cavalaria executarão exercicios de volteio e uma escola de marinheiros farão diversos exercicios de destreza. As bandas regimentaes e a banda da guarda Republicana tocarão durante o espectáculo. O sarau será por todos os motivos brilhante e imponente.

É este o jogo sportivo que mais adeptos tem em Portugal. É-nos verdadeiramente agradável apontar este facto porque é um sintoma belo do rejuvenescimento da nossa raça. Este jogo tem sobre a mocidade uma decedida acção educativa. Não é como muita gente supõe, simplesmente, um jogo de pontapé na bola. O *foot-ball* tem as suas leis ás quaes os jogadores devem respeito; os dois grupos, que entram na partida, têm, por sua vez, um capitão ao qual se deve obediencia; e a dirigir o desafio, ha, ainda, um juiz de campo, autoridade suprema, a quem todos devem uma subordinação pronta. O *foot-ball* disciplina portanto. Todo o jogador tem uma missão especial e



OFICINAS DE REPARAÇÕES DE BIPLANOS INSTALADAS NUM «CAMION»

depende o seu esforço não para o seu triumpho individual, mas para a victoria do seu grupo. É um bello jogo colectivo em que cada *footballer* põe de parte a sua personalidade para bem do seu grupo.

A abnegação, a coragem, o espirito de sacrificio, e a decisão são qualidades que se desenvolvem no *foot-ball*. Não obstante isto, tem a enorme vantagem de dar aos novos habitos de trabalho. Os rapazes de hoje, afastados, dos logares perniciosos das cidades, educados numa vida activa respirando bom ar, são necessariamente os homens futuros de acção, capazes pelo seu esforço e pelo seu trabalho de conquistar as riquezas necessarias á vida.

Na Inglaterra, em todos os estabelecimentos de ensino, nas fabricas e nos regimentos, o *foot-ball* é obrigatorio para combater a aciosidade e para o aperfeiçoamento da raça.

É, por isso, que rejubilamos com o desenvolvimento incessante do *foot-ball* em Portugal.

Os desafios que mais interesse estão despertan-

do, entre nós, são os da Associação do *Foot-ball* de Lisboa.

Esta benemerita colectividade sportiva tem procurado tornar o *foot-ball* em Portugal um jogo civilisato.

Delegados seus fiscalizam os desafios e varias vezes dos seus relatórios resultam castigos para os jogadores que têm chegado até á sua expulsão da Associação.

Esta orientação disciplinadora tem contribuido para o saneamento do meio e para o aperfeiçoamento deste jogo.

— Dos grupos inscritos na Associação do *Foot-ball* ha um que conquistou, já, o titulo de campeão na sua categoria. É o 2.º «team» do Sport Lisboa e Benfica. Este «team» ha seis anos consecutivos que derrota todos os «teams» da sua categoria inscritos na Associação. Conquistou definitivamente uma taça que se encontra na sede do seu Club, e é pela segunda vez detentor duma nova taça que se está disputando. Este club é genuinamente nacional. Nos diversos «teams» representativos deste club só podem figurar «players» portugueses.

O quadro seguinte mostra-nos a victoria brilhante do 2.º do Sport Lisboa e Benfica que venceu os seus adversarios por uma superioridade enorme de «goals».

2.ª CATEGORIA

CLUBS	N.º de jogos				Pontos
	Ganhos	Perdidos	Empatados	Bolas a favor contra	
Sport Lisboa e Benfica	9	9	—	50	218
Club internacional de Foot-ball	9	5	3	1	18 16 11
Sporting Club Portugal	8	4	3	1	8 7 9
Sport Club Imperio	8	3	5	—	7 13 6
Lisboa Foot ball Club	7	2	5	—	4 15 4
Grupo Sport Cruz Quebrada	9	1	8	—	2 27 2

J. MOREIRA SALES

ALEMANHA

«Quand nous aurons poursuivi la pensée de la Révolution dans toutes ses conséquences... alors ce n'est pas seulement l'Alsace et la Lorraine, mais la France tout entière l'Europe et le monde sauvé tout entier, qui seront à nous! Oui, le monde entier sera allemand!»

Henri Heine—Ce 17 décembre 1844—*Germania in Poèmes et Légendes*, Paris, 1857.

N'este puro francês, a sonhar com a Democracia universal, exprimia se ha mais de meio seculo o illustre descendente de judeus (Vidé *Histoire Contemporaine* por Weber, tomo 1.º), nascido em Dusseldorf!

Abarcar e absorver, eis, definitivamente, a integral fisiologica e psiquica do famoso pais de além Rheno.

A sua bandeira mercante conseguira nos ultimos tempos mostrar-se com predominio sobre todas as aguas e no fundeadouro de todos os portos!

Não lhe queria mal por isso, desde que não existissem agora destroços avermelhados de sangue em tantos territorios largamente violados.

Pessoalmente, até, conservo boas recordações alemãs de um periodo de quasi doze anos, em que, serviço official me colocou em relações de contacto permanente com pessoas e coisas do grande imperio.

Realisava então visitas frequentes aos navios que tocavam no Tejo, d'aquella procedencia e de outras, e devo aqui registar em abono de verdade que notei sempre a bordo de barcos da Alemanha pronto e aberto auxilio, deferencia respeitosa e inteira disciplina.

Refiro-me a tempo anterior a novembro de 1800.

Essas visitas eram policiaes. Lembro-me que, um dia, ao subir a escada de estibordo do enorme paquete «Gera», da praça de Breme, o respectivo comandante, o mais amigo da companhia, que se achava no portaló, recebeu-me em bom francês, com estas agradaveis palavras significativas: «J'aime la police. Elle est toujours bienvenue pour moi!»

Não devo esconder que uma característica tambem notei, de tipica revelação: todos os alemães quando acaso

aludiam ao Kaiser demonstravam certo calor de entusiasmo.

Esta circumstancia arredava de minha mente o tomar muito a sério o avanço doutrinario eficaz, atribuido ao socialismo da patria de Guilherme.

Não punha em duvida a interferencia ática e generosa de cerebros deveras provados na emancipadora empresa nobilissima; conservava-me, porém, de remissa quanto ás vantagens praticas a colhêr d'eles, um povo orientado pela Prussia, essencialmente espada, essencialmente obra e feita d'aquella Frederico, da correspondencia com Voltaire e da Guerra dos Sete Anos, ao termo da qual «Por uma clausula reservada, assegurava o seu voto ao arquiduque José, na proxima eleição para o trono imperial.» Vidé *Histoire de l'Autriche-Hongrie* por Louis Leger).

Isto, por um lado e, por outro lado outrosim nunca perdi de vista que genuinos germanos ou seus descendentes hereditarios jámais poderiam desmentir a natureza belica de «o Cherusco Arminio, que Tacito, com bom direito, denomina o libertador da Germania»

(Vide *Histoire de la Formation Territoriale des Etats de l'Europe Centrale* por Auguste Himlytomo 1.^o) e de quem Ampère (Vide *L'empire Romain à Rome*, tomo 1.^o) escreve assim: «O nome de Arminio ou Hermann ficou a valer para os Alemães, como simbolo da libertação nacional.»

A guerra, pois, avulta a embalar o berço do remoto alemão, a amamentalo prosegue, e proclamada nos assombra na hora presente pela boca da nação inteira em mil instrumentos e maneiras de lebril entonação destruidora!

A narrar a conquista das provincias balticas pelos alemães, no seculo XIII, define-lhe com precisão a indole militar Alfred Rambaud (*Histoire de la Russie*):

«As fortalêsas germanicas eram solidamente construidas com pedra e cimento, . . .»

E, a distancia de centenares de anos, permanecem as fortalêsas dos mesmos germanos, contemporaneos, em terra, agua e ar, valorisadas, robustecidas, talvez invulneraveis em alguma parte pelo pesquisar do sabio, pela persistencia indomavel do labor scientifico!

Ao ar-lor guerreiro, ao lutar tradicional, a forma que se afigura unica para ser levado a bom termo o pensamento por ventura contido na exteriorisação de cerebro de Henri Heine, acrescentaram, a custa da Sciencia ovante, os arrojados aparelhos e os triunfantes descobrimentos de proeminentes indagadores de laboratorio.

Nas sciencias naturaes o alemão tem avançado com singular galhardia e com segura experiencia consumada.

Antes de proseguir, a transcrição de quadro de resumo elucidativo sob o ponto de vista historico:

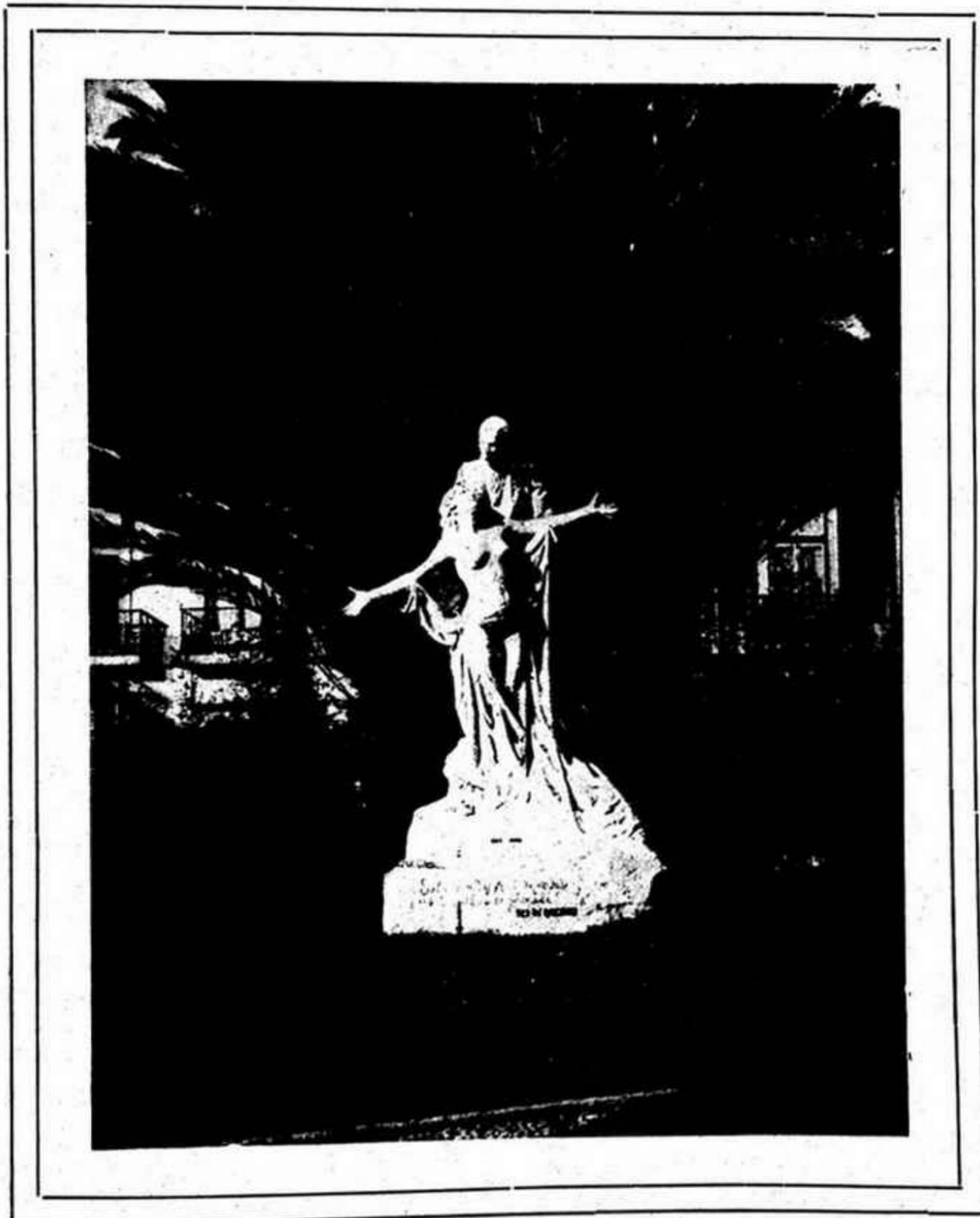
«A Alemanha foi antigamente chamada pelos romanos *Germania*. Os povos alemães, vencidos muitas vezes pelos francos merovingios, foram definitivamente incorporados no imperio de Carlos Magno. Pelo tratado de Verdum (843) este imperio foi dividido em tres partes, sendo uma d'estas o reino de *Germania*, que coube a Luiz o Germanico. Os principes carlovingios lá reinaram até 911. Depois a monarchia tornou-se electiva e foi eleito Courado I da Franconia.

A coróa passou depois para a casa de Saxe. Othão o Grande, um dos principes d'esta casa, restabeleceu o imperio com a denominação de *Santo-imperio-romano-germanico*, e augmentou o com a Lotharingia, a Bohemia e a Italia (926-973). A casa de Saxe succede a de Hohonstauffen, a qual pertenceu o famoso imperador Frederico Barba-Rôxa. As luctas entre o papado e o imperio e guerras intestinas occupam todo o tempo até 1273. Depois os Hapsburgos, ou casa d'Austria, sobem ao throno e tornam a monarchia hereditaria na sua familia até 1438.

No XVI seculo declara-se a *reforma* na Alemanha; os principes do norte adoptaram-na e começa a pronunciar-se a scisão entre o norte e o sul. Carlos V eleva durante o seu reinado o prestigio dos Hapsburgos, que apos elle declina, mórmente durante a guerra dos trinta annos (1618-1648).

(Continua)

D. FRANCISCO DE NORONHA



Monumento notabilissimo erguido em homenagem a Eça de Queiróz — primor de Arte devido ao cinzel de Anton o Teixeira Lopes, appareceu ha dias mutilada. A selvageria indigena apedrejara impunemente e conseguira quebrar alguns dedos da mão direita da estatua da «Verdade».

CURSO INTERNACIONAL

TELEPHONE 3.830

Explicações para os Lyceus e Comercio — Lições a 2\$000 réis mensaes

LARGO DO CALDAS, 1, 2.

Professores e professoras estrangeiras das especialidades e portuguesas. leccionam:

Português, francês, in-lês, alemão, hespanhol, italiano, theorica e praticamente. — Tachygrafia, musica, piano, violino, desenho, pintura do natural, canto e labores artisticos. — Ph to-miniatura, tarso metaloplastia, veludo frappé, crysalida, vitraux, photo-pintura, cloutage, choreoplastia, pyrogravura, pyroscultura, pintura em relevo.

Explicações para os Lyceus e Escolas Industriales e Comerciales. Todas as disciplinas, lições diarias a 5\$000 réis mensaes

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS

CREANÇAS: ao preço fixo de 2\$000 a 5\$000 réis mensaes tendo a pratica constante das linguas, frequentando as aulas que deseiaem e podendo permanecer das 9 ás 5.

Penstonistas a 15\$000 e 20\$000 réis mensaes

Direcção: **MACEDO D'OLIVEIRA** — Largo do Caldas, 1, 2. — LISBOA

TIPOGRAFIA CESAR PILOTO

11 e 12 — Largo de S. Roque — 11 e 12

* * * * * LISBOA * * * * *

Trabalhos em todos os generos, simples e de luxo. Pontualidade, perfeição e preços moderados. * *

Preparado Carlos Pimentel

que
por completo
tira a caspa
evita a queda do cabelo



Lotion

Marie Louise
(Registada)

Deposito Geral

RETROZARIA IRMÃOS DAVID

Rua Garrett, 112-118

LISBOA

Especialista de doenças da boca e dentes
Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa
DENTISTA DA COOPERATIVA MILITAR

Tratamentos especiaes para senhoras e creanças, dentes artificiaes, etc.

Desinfeccção meticulosa de todo o material operatorio

HONORARIOS MODICOS

Rua Garrett, 36, 1.º (frente para a R. Ivens)

Confeitaria do Calhariz

de ALEREDO SA & C.ª

2, LARGO DO CALHARIZ, 3

Telephone: Central 1242

Secção de pastelaria — Licôres nacionaes e estrangeiros

— Vinhos finos e cognacs — Esmerado fabrico

em todos os artigos de confeitaria

— Lampreias e doces de todas as qualidades.

Especialidade em chá e café.

Fornece lanches para casamentos, baptizados e soirées

Dans Les "Fleurs,"
São os perfumes da moda

PEDIR EM TODA A PARTE

Alberto C. Lima

Professor de Guitarra

E

— VIOLA FRANCEZA —

COM

— As melhores referencias —

Rua do Loreto, 50, 3.º — LISBOA

Cacau, Cakula e Chocolate Iniguez

Vende-se em toda a parte

BOMBONS e NOUGAT da FABRICA INIGUEZ

Kilo 1,500 réis



Os bombons da Fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas 600 réis

GRAND PRIX-O Melhor Premio da Exposição-LONDRES 1904

CONTRA DEBILIDADE

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE

PREPARADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUESES E ESTRANGEIROS.

AVENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Presentado em medalhas de ouro, nas exposições: de Lisboa, 1888, Paris, 1889, Belem 1888, Anvers 1884, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Pedro Franco & C.ª

Rua de Belem, 147 - LISBOA

Contra a debilidade

Farinha Pectoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, é ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.ª

DEPOSITO GERAL

RUA DE BELEM, 147 - LISBOA